

## O PAPEL DA SÍLABA E DA MORA NA ORGANIZAÇÃO RÍTMICA DO JAPONÊS<sup>1</sup>

Elza Taeko DOI

**RESUMO** *Este trabalho tem como objetivo definir o papel que a sílaba e a mora exercem no ritmo do japonês, tendo em vista que nas análises dessa língua, as moras são consideradas unidades de ritmo e componentes da sílaba, mas as sílabas não são definidas em termos de ritmo. No desenvolvimento do trabalho, recorremos ao modelo de Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel, 1986) e à Teoria Métrica de Acento (Hayes, 1995) para a determinação do domínio da palavra fonológica e do pé rítmico, tendo como base a noção de bimoraicidade desenvolvida por Bekku (1977) e Poser (1985, 1990). Os dados utilizados na análise consistem do português falado por japoneses e do japonês falado pelos brasileiros. Estes dados se caracterizam por sua natureza desviante em relação às realizações dos falantes nativos, fornecendo, assim, elementos de interesse para a análise da sílaba e da mora como unidades rítmicas do japonês. O recurso ao pé troqueu moraico trouxe uma compreensão da natureza da sílaba como uma unidade do pé que marca o ritmo da língua. As sílabas se definem, assim, como unidades constitutivas do pé e organizadoras das moras.*

**ABSTRACT** *Traditional analyses of Japanese consider the mora to be both a unit of rhythm and a component of the syllable, although syllables are not defined in terms of rhythm. Here the role of these two elements are investigated. Using the notion of bimoraicity developed by Bekku (1977) and Poser (1985, 1990), the model of Prosodic Phonology (Nespor and Vogel, 1986), and the Metric Theory of Accent (Hayes, 1995) were used to determine the domain of the phonological word and rhythmic foot. The data utilized in the analysis consist of Portuguese spoken by Japanese individuals and Japanese spoken by Brazilians. They are characterized by deviations from that which is expected for native speakers, thus furnishing elements of interest for the analysis of the syllable and the mora as rhythmic units in Japanese. The use of the moraic trochee foot adopted here shed new light on the nature of the syllable as a unit of rhythmic foot of the language. Morae constitute syllables, which in turn constitute the units of foot of the language.*

---

<sup>1</sup> Texto resultante da Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 21 de novembro de 1997, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Bernadete Marquês Abaurre.

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo caracterizar o papel que a sílaba exerce na organização rítmica do japonês, língua que é comumente definida em termos de ritmo moraico. Nessa caracterização, a mora é definida como a unidade do ritmo e como a menor unidade fonológica da língua. A sílaba, formada por moras, é definida como uma unidade de acento, mas não se define o papel que as sílabas ocupam no ritmo do japonês.

Diante dessa indefinição do papel da sílaba e da estrutura rítmica do japonês, este trabalho pretende responder às seguintes questões:

- qual é o papel da sílaba dentro do ritmo do japonês considerando que a sílaba é formada por moras que são, por sua vez, definidas como unidades de ritmo?;
- que papel a sílaba, definida como unidade de acento de intensidade, exerce no japonês, língua que se caracteriza pelo acento de altura?; e
- como se organiza o ritmo do japonês?

## 2. A MORA, A SÍLABA E O ACENTO DO JAPONÊS

### Mora

A mora do japonês é definida como uma unidade de duração e como a menor unidade de que os falantes da língua têm consciência. É também definida como portadora de tom e é representada graficamente pela escrita do kana.

As moras são de 2 tipos: a mora plena e a mora não plena ou especial.

A mora plena caracteriza-se pela estrutura CV representada por um Kana ou CGV, representada por um kana mais ya, yu, yo. A mora não plena se apresenta em 3 tipos: a mora nasal, a mora consonantal e a mora longa. Essas moras exercem o mesmo papel que as moras plenas enquanto portadoras de um tom e de duração. Diferem, no entanto, das moras plenas porque sofrem algumas restrições quanto a posição que ocupam dentro das sílabas. Essas restrições são as seguintes:

1) não ocupam a mora inicial de uma palavra;

Ex.: sanko      'três unidades'      sa-N-ko      \*N-sa  
asatte      'depois de amanhã'      a-sa-t-te      \*t-te

2) não são portadoras de núcleo de acento do japonês, marcado pelo tom alto seguido de tom baixo:

Ex.: ko-o-ka      'resultado'      \* ko-o-ka  
    | | |                      | | |  
    H L L                      H H L

ko-gi-t-te ‘cheque’	* ko-gi-t-te
L H L L	L H H L

o-N-ga-ku ‘música’	* o-N-ga-ku
H L L L	H H L L

3) foneticamente são realizadas juntamente com a mora que antecede a elas:

Ex.: ka-N-ta-N ‘simples’	[kan-tan]
ho-o-h-o ‘método’	[ho:ho:]
ro-p-pi-ki ‘seis animais’	[rop-pi-ki]

## Sílaba

A sílaba é definida como uma unidade fonológica portadora de acento e como organizadora de peso. A sílaba breve ou leve é formada por uma mora plena; e a sílaba longa ou pesada é formada por uma mora plena mais uma mora não plena.

Podemos dizer que toda a discussão em torno da sílaba e da mora do japonês é resultante da interpretação do papel que o conjunto formado por esses 2 tipos de mora exerce na fonologia do japonês. Para os linguistas que admitem a sílaba, esse conjunto se define como uma sílaba longa ou pesada, enquanto que para aqueles que admitem apenas a mora como unidade fonológica do japonês, esse conjunto é definido como duas unidades moraicas.

A análise que se baseia apenas em moras faz a segmentação fonológica como em A, enquanto que a análise que se baseia em sílabas, a segmentação é feita como em B.

Ex.	A (divisão em moras)	B (divisão em sílabas)
jitensha ‘bicicleta’	ji-te-N-sha	ji-teN-sha
hikooki ‘avião’	hi-ko-o-ki	hi-koo-ki
roppiki ‘seis animais’	ri-p-pi-ki	rop-pi-ki

## Acento

O acento do japonês é marcado pelo padrão tonal descrito em termos de altura de tons (alto versus baixo) e apresenta as seguintes características:

1) a função distintiva é marcada pelo tom alto:

ha si ‘pauzinho para comer’	ha si ‘ponte’
H L	L H

2) existe apenas uma unidade (mora) ou uma seqüência de unidades de tom alto dentro de uma palavra. Não se admitem casos de dois pontos altos intercalados por unidade(s) de tom baixo.



### 3. PROPOSTAS DE ANÁLISE DO JAPONÊS: DISCUSSÕES SOBRE A MORA E A SÍLABA

A análise fonológica do japonês tradicionalmente adotada por alguns linguistas japoneses (Kindaichi, 1967; Arisaka (apud Kindaichi, 1967), Kamei (apud Kindaichi, 1967) e outros), além de Bloch (1950) baseia-se na unidade “onsetsu” (traduzido como sílaba e utilizado para denominar tanto a sílaba quanto a mora do japonês), definida em termos da escrita kana. Segundo essa proposta, a unidade mora (e suas variantes haku, onsetsu) é a única unidade fonológica da língua. Podemos dizer que esta proposta reflete a consciência do falante quanto à menor unidade fonológica da língua fortemente influenciada pelo sistema de escrita kana. A ênfase dessas análises está na determinação do padrão acentual e entonacional do japonês que tem as moras como a unidade de acento de altura.

Hattori (1976), McCawley (1968), Vance (1987), Tabata (1989) e Kubozono (1994) postulam a sílaba breve/leve e a sílaba longa/pesada como uma unidade de acento e como portadora de peso, assumindo a mora como constituinte da sílaba e como unidade do ritmo. Quanto à organização da sílaba, a sílaba longa/pesada é definida como uma unidade formada pela mora plena e mora não-plena, dominada diretamente pela sílaba.

A abordagem de Hattori com relação às sílabas e à proposição do prosodema que inclui elementos que atuam como delimitadores de uma frase fonológica (como a presença de uma unidade forte em início de uma palavra) difere daquela de outros lingüistas japoneses que se preocuparam primordialmente com o padrão acentual formulado em termos de altura do tom, e por isso se detiveram apenas na unidade mora.

Dentro da estruturação da sílaba proposta por Hattori, McCawley e Kubozono, os agrupamentos formados de CVC, CVN, CVV constituem uma sílaba, mas eles não exerceriam o papel de uma sílaba como organizadora de segmentos porque esse papel seria assumido pela mora, definida como uma unidade formadora da sílaba e como a menor unidade fonológica de que os falantes da língua têm consciência. A sílaba longa/pesada é também caracterizada por McCawley, Kubozono, Abe (1987) e Poser (1985) como uma unidade da prosódia, portadora de acento.

Yoshida (1990), ao contrário dos lingüistas acima, não postula a mora e atribui um status de sílaba para as moras nasais e longas do japonês, classificadas como não-pletas. Segundo esta proposta, seqüências do tipo (C)VV e (C)VN (comumente definidas como sílabas longas ou pesadas formadas por uma mora plena (C)V e uma mora não-plena V ou N) são analisadas como duas sílabas breves formadas de (C)V e V; (C)V e N.

Dentro da estrutura da sílaba proposta pela Fonologia de Governo organizada em OR(N), a mora nasal e a mora longa ocupariam o núcleo da rima ficando o onset vazio. Como ocupantes do constituinte rima, esses elementos adquirem o mesmo estatuto das sílabas formadas por (C)V.

No quadro abaixo resumimos as diferentes visões sobre a sílaba e a mora apresentadas nas análises dos lingüistas que tratam da fonologia do japonês.

	Mora	sílaba	estrutura da sílaba
Kindaichi	unidade rítmica unidade duração menor unidade fonológica		
Hattori	unidade fonológica unidade de duração	unidade fonológica	CV; CVV, CVN; CV?.
McCawley	unidade de distância fonológica unidade de duração unidade de acento de altura	unidade prosódica	sílaba breve S(m) (*) sílaba longa S(mm)
Kubozono	unidade de duração unidade de peso	unidade de acento quantidade silábica	sílaba leve S(m) sílaba pesada S(mm)
Abe	unidade de acento de altura constituinte da rima	unidade de acento	sílaba OR (NC)
Poser	unidade prosódica nódulo terminal dominado pela rima	unidade prosódica	sílaba (O) R (m(m))
Tabata	unidade de ritmo	unidade fonológica	“head”+ “modifier” sílaba não marcada (CV) sílaba derivada (CVC; CVN; CVV)
Yoshida		unidade fonológica	sílaba OR (C)V(C); V, N

(\*) S = sílaba; m = mora

Podemos dizer que existem três tipos de propostas de análise do japonês:

- aquela que define apenas a mora como unidade fonológica da língua: Kindaichi;
- aquela que admite a mora e a sílaba como unidades fonológicas do japonês: Hattori, McCawley, Kubozono, Abe, Poser, Tabata; e
- aquela que propõe apenas a sílaba como unidade fonológica do japonês (Yoshida).

Como vemos neste quadro, a sílaba é definida como unidade fonológica e como unidade de acento, mas não se faz referência ao papel que ela ocupa no ritmo da língua.

Na tradição dos estudos da língua japonesa não se definia o papel da sílaba em termos rítmicos porque a mora era apreendida como a unidade do ritmo. Como consequência, resultam considerações redundantes e imprecisas sobre o papel da mora e da sílaba, como aquelas em que essas unidades são caracterizadas como unidades fonológicas do japonês, e em que a sílaba é definida como unidade de acento; e a mora,

como unidade do ritmo moraico. Nessa definição não se determina o papel da sílaba em termos rítmicos, mesmo sendo formada por moras, as unidades de ritmo. A sílaba como unidade portadora de acento não tem o seu papel determinado na estrutura rítmica do japonês, uma vez que essa caracterização se baseia no comportamento do acento de altura (McCawley).

Considerando que o acento seria o correspondente lingüístico na marcação do ritmo (Hayes, 1995; Liberman e Prince, 1977), e que os efeitos rítmicos “são observáveis em acentos verdadeiros” (Haraguchi, 1988), isto é, interpretados como acento de intensidade, propomos que o ritmo do japonês seja descrito com base na proeminência acentual marcada pelo acento de intensidade, com base no prosodema de Hattori e na definição da sílaba longa/pesada de Hattori e de Kubozono. A unidade sílaba exerceria, dessa forma, um papel determinante na estruturação métrica do japonês como constituinte da unidade rítmica pé.

#### 4. O RITMO DO JAPONÊS

Bekku (1977) e Poser (1985) apresentam uma proposta baseada na bimoraicidade para o tratamento do ritmo do japonês. Essas propostas permitem que se apreenda uma organização rítmica do japonês, o que não acontece com a definição do ritmo baseada apenas em unidades moraicas.

Basicamente, as análises do ritmo propostas por Bekku e por Poser se assemelham em dois pontos:

- 1) ambos definem o ritmo do japonês em termos de unidades bimoraicas, embora para Bekku, o ritmo do japonês se define em termos de 2 haku, cada haku formado por 2 moras.
- 2) a organização em unidades bimoraicas se faz da esquerda para esquerda, em Bekku e em Poser, 1985. (Em Poser, 1990, a direcionalidade proposta para os pés bimoraicos é da direita para a esquerda.)

A segmentação linear a partir da margem esquerda faz com que resultem grupos que não sejam condizentes com a organização rítmica da língua como:

kari/nto/o	‘tipo de biscoito’
futo/ppa/ra	‘corajoso’
oto/oto	‘irmão mais novo’

em que a cabeça do segundo grupo rítmico é ocupada por uma mora não plena.

Embora Bekku afirme que este tipo de organização rítmica seja possível em japonês, consideramos que essa segmentação só é possível em realizações enfáticas ou em casos em que se soletram as palavras. O fato de se permitir que, em compostos existe uma dupla possibilidade de organização rítmica, como diz Bekku, mostra que não existe uma definição precisa da unidade rítmica e do domínio de construção dessa unidade.

Esta proposta apresenta, no entanto, alguns problemas decorrentes justamente da falta de uma definição precisa na construção do pé rítmico: a direcionalidade e a relação da mora com a sílaba. Segundo Poser, a palavra *Monbushoo*, segmentada como *Mon-busho-o* soa estranha porque o segundo pé formado por *bu* e *sho*, se sobrepõe aos limites de *monbu* e *shoo*, considerados morfemas, e as 2 moras de *shoo* (sho-o) acabam fazendo parte de pés distintos.

A falta de uma caracterização precisa da unidade bimoraica verificada tanto em Poser quanto em Bekku (mais em Bekku) acarreta casos em que a cabeça (a primeira mora) do pé é ocupada por uma mora não plena, decorrente também da falta de uma determinação dos limites da palavra fonológica, onde se constroem os pés bimoraicos.

Diferentemente de Bekku, cuja análise se baseou em observações empíricas, o pé bimoraico proposto por Poser é uma unidade que se baseia no acento de intensidade definido em termos rítmicos, independente do acento de altura do japonês. Baseada na teoria métrica, a proposta de Poser mostra uma preocupação em sistematizar a estrutura métrica do japonês e definir os parâmetros que levam à construção dos pés bimoraicos.

Consideramos que a falta de uma caracterização específica da unidade pé se deve em grande parte à não consideração da sílaba como organizadora das moras. O modelo paramétrico de Hayes, que define como um pé a sílaba pesada formada por duas moras, previne a construção de unidades que não correspondem à estrutura métrica da língua.

## 5. DETERMINAÇÃO DOS DOMÍNIOS: A SÍLABA, O PÉ E A PALAVRA FONOLÓGICA

A indeterminação do domínio de construção de pés traz problemas na segmentação dos pés bimoraicos, como vimos acima. Buscamos, assim, na Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel, 1986) os elementos para a determinação dos domínios em que se constroem os constituintes pé e palavra fonológica. Com base na teoria métrica de acento de Hayes (1995) e na Fonologia Prosódica proposta por Nespor e Vogel, procuramos uma caracterização que consideramos mais precisa e ao mesmo tempo mais adequada para dar conta dos constituintes do ritmo do japonês.

### Sílaba

Caracterizamos a sílaba do japonês como formada por moras, definidas como unidades de peso. As moras em japonês são constituintes diretos das sílabas, unidades de referência na construção dos pés.

As sílabas leves são formadas por uma mora plena enquanto que as sílabas pesadas são formadas por duas moras, das quais a segunda é sempre uma mora não plena.

### Pé

Com base nos parâmetros da Teoria Métrica de Acento propostos para a construção do pé (Hayes, 1995), definimos os pés do japonês como segue:

- a)
  1. tamanho: os pés são binários;
  2. quantidade: as sílabas pesadas não ocorrem na posição fraca de um pé;
  3. rotulação: os pés possuem uma proeminência inicial;
  4. ramificação: a cabeça do pé não deve ser uma sílaba pesada.
- b) a direção da segmentação se faz da esquerda para a direita;
- c) a construção do pé é iterativa;
- d) cria-se uma nova camada métrica.

Podemos dizer que o pé do japonês é troqueu moraico e se constrói no domínio da palavra fonológica seguindo esta ordem de passos:

1. marcam-se as sílabas pesadas como acentuadas e formadoras de um pé troqueu moraico;
2. identifica-se a unidade imediatamente à direita da sílaba pesada como uma unidade forte do pé;
3. se não houver sílabas pesadas, faz-se a marcação do pé a partir do início da palavra, à esquerda;
4. admite-se o pé monomoraico degenerado em início de palavra e para as palavras de conteúdo monomoraicas.

## **Palavra fonológica**

A palavra fonológica do japonês corresponde basicamente às palavras classificadas segundo critérios morfológicos propostos tradicionalmente pela gramática do japonês, segundo a qual as palavras se classificam em palavras de conteúdo e palavras de função (gramaticais). Com o objetivo de fornecer informações básicas sobre a estrutura morfológica do japonês, apresentamos a proposta de Hashimoto que é tomada como base para as gramáticas escolares.

Combinando essa descrição de Hashimoto com as idéias propostas por Nespor e Vogel para definir a palavra fonológica, e considerando os critérios fonológicos que propusemos no trabalho, determinamos a construção e o domínio da palavra fonológica do japonês como segue:

I. O domínio da palavra fonológica consiste de:

- a) uma raiz, representada por uma palavra de conteúdo e caracterizada como uma unidade que apresenta uma marcação de proeminência de intensidade na mora inicial;
- b) as palavras gramaticais (as partículas do japonês) e as palavras definidas segundo critérios fonológicos propostos no trabalho.

## II. A construção da palavra fonológica

Reunir em uma palavra fonológica de ramificação n-ária, todos os pés incluídos em uma cadeia delimitada pela definição do domínio da palavra fonológica.

### **Frase Fonológica**

A determinação da frase fonológica teve como objetivo fazer referência ao domínio de sua constituição. Definimos este constituinte como segue:

#### I. Domínio da frase fonológica

O domínio da frase fonológica consiste de uma palavra fonológica formada pela palavra de conteúdo que ocupará a cabeça do constituinte (X) e por todas as palavras fonológicas a sua direita, até encontrar uma outra palavra fonológica que ocupa a cabeça fonológica da palavra seguinte.

#### II. Construção da frase fonológica

Reunir em uma frase fonológica de ramificação n-ária todas as palavras fonológicas incluídas em uma cadeia delimitada pela definição do domínio da frase fonológica.

#### III. Proeminência relativa da frase fonológica

O nóculo à esquerda é rotulado como *s*. Todos os nóculos irmãos de *s* são rotulados como *w*.

## **6. OS DADOS**

Os dados que utilizamos neste trabalho foram extraídos do português falado pelos japoneses e do japonês falado pelos brasileiros. Os dados do português foram coletados em Campinas, através de entrevistas informais. Já os dados do japonês falado pelos brasileiros, não descendentes de japoneses, foram coletados por ocasião do concurso de oratória realizado anualmente em São Paulo pelo Centro de Estudos da língua Japonesa.

Os dados do português se caracterizam por uma fala informal, enquanto que os dados do japonês, dada a natureza do contexto em que os dados foram coletados, se caracterizam por uma realização mais cuidada. Essa diferença, no entanto, traz uma vantagem na abordagem dos dados porque:

- a) o português dos japoneses adquirido de maneira informal, em contato direto com os falantes nativos da língua reflete a interpretação que os falantes japoneses fazem com relação às características lingüísticas do português;

b) o japonês dos brasileiros adquirido em situação de ensino formal, mostra os elementos que refletem as características rítmicas do português (apesar de terem aprendidos em situação de ensino formal) Esses dados são significativos, de um lado, para avaliar a maneira como esta língua é ensinada aos brasileiros, e de outro lado, para diagnosticar os elementos rítmicos característicos do português.

O japonês falado pelos brasileiros se caracteriza por uma realização marcada pelo acento de intensidade sem levar em conta o caráter durativo da mora.

Ex.: nã'rá tẽ<sup>2</sup> por 'nã/rã'ʋtẽ 'aprendendo'  
 'tõ kjõnõ por 'tõ [õkjõ õ/nõ 'de Tóquio' [ [ ] ]

Uma outra característica que se destaca no japonês falado pelos brasileiros é o apagamento quase total das moras não plenas. Essas moras acabam sendo incorporadas como parte da mora anterior, adquirindo uma estrutura silábica CVC do português, apagando-se, com isso, o efeito durativo (ou a marcação temporal) da mora que se espera na fala.

Ex.: sã'někãmõ por 'sã [ñ/ně ñ/kã ñ/mõ 'até mesmo por três anos'  
 ʃõ kãidě por 'ʃõ [õ/kã i/dě 'por apresentação'  
 'zě tãi por 'zě [ʋ/tã i 'absolutamente'

A realização desviante dos brasileiros com relação às moras especiais, sem atribuir-lhes um tempo próprio dentro da sílaba, que resulta em uma realização inadequada aos padrões fonológicos do japonês, seria uma evidência de que as moras possuem um estatuto próprio, e vão refletir no ritmo do japonês como uma unidade constitutiva do pé bimoraico. Os desvios no japonês falado pelos brasileiros mostram não apenas a influência do português, mas refletem também os pontos problemáticos a serem levados em questão na análise e no ensino do japonês.

O português falado pelos japoneses se caracteriza por uma segmentação da cadeia sonora em agrupamentos, em sua maioria, bimoraicos.

Ex.: 'ĩ mĩ/gũ rã:/dõ imigrado  
 'kĩ rō/mē:/tō rũ quilômetro

<sup>2</sup> Os dados foram transcritos foneticamente utilizando-se o Alfabeto Fonético Internacional. Foram utilizados os seguintes sinais diacríticos:

- duração: longa ( ¯ ), média ( ˘ ), breve ( ˘ );
- acento de intensidade: sinal ( ' ) anteposto à unidade acentuada;
- segmentação na seqüência sonora: pelo sinal ( / );
- duração maior dos segmentos: pelo sinal ( + ) sob o segmento; e
- mudança na altura do tom: sinal ( ˆ ) Alto-Baixo, e ( ˆ ) Baixo-Alto

Verificamos que a primeira consoante da estrutura CCV (encontros consonantais) e a coda das sílabas são realizadas com uma duração maior quando comparadas com as sílabas realizadas pelos brasileiros.

Ex.: petrobrás       $\widehat{p\acute{e}t} \widehat{r\acute{o}b} \widehat{r\acute{a}z}$   
 imigração       $\widehat{i} \widehat{m\grave{i}g} \widehat{r\acute{a}s\grave{o}n}$

Consideramos que estes dados seriam um indicativo de que esses elementos são interpretados pelos falantes japoneses como correspondendo a uma mora.

Verificamos também que a marcação acentual se baseia na altura, havendo casos em que uma sílaba pesada é realizada com 2 tons (H e L), como acontece com as sílabas pesadas acentuadas no japonês.

Ex.:  $\widehat{g\acute{u}} \widehat{r\grave{a}} \widehat{r\grave{a}} \widehat{d\grave{e}}$       grande  
 $\widehat{ã} \widehat{g\grave{o}} \widehat{d\acute{o}}$   $\widehat{s\acute{u}}$       Agudos

Uma outra característica que nos chamou a atenção se relaciona com a realização das palavras como unidades autônomas, isto é, cada palavra com um acento lexical e uma marcação de intensidade na primeira unidade. Consideramos que este dado vem confirmar a proposta de prosodema de Hattori.

Ex.: empregado       $\widehat{ẽm} \widehat{pr\acute{e}} \widehat{g\acute{a}} \widehat{d\acute{u}}$   
 aguardante       $\widehat{ag^w\acute{a}r} \widehat{d\acute{e}nt\grave{i}}$

No português falado pelos japoneses verificamos as características da fonologia do japonês, como a fala segmentada em grupos, em sua maioria, formados de duas moras e que se organizam em duas sílabas leves ou uma sílaba pesada. Esta característica que consideramos como resultante da aplicação das regras do japonês constitui uma evidência de que o ritmo do japonês se organiza em unidades bimoraicas, confirmando a análise proposta neste trabalho.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos através deste estudo que, a sílaba e a mora ocupam lugares distintos na hierarquia prosódica da língua, cada uma exercendo um papel específico na organização rítmica da língua. Propusemos, seguindo Hayes (1995) e Poser (1985, 1990), a caracterização rítmica do japonês baseada na Teoria Métrica, dado que o ritmo exige uma marcação de proeminência não representável pelas moras. Dentro dessa proposta, a proeminência seria expressa pela marcação acentual na unidade bimoraica (Bekku, 1977; Poser, 1985, 1990), definida em termos de pé troqueu moraico. Ao definir o ritmo do japonês como organizado por uma alternância de unidades acentuadas e não acentuadas, definidas fonologicamente, a sílaba assume um papel significativo na

estrutura rítmica do japonês, no sentido de que, a sílaba como portadora de acento de intensidade vai marcar a proeminência rítmica e, como portadora de peso, vai informar a quantidade, determinando o pé métrico da língua.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABE, Yasuaki (1987) "Metrical Structure and Compounds in Japanese". In: Takashi Imai e Mamoru Saito (eds.) **Issues in Japanese Linguistics**, Dordrecht, Holland/Providence, USA: Foris
- BEKKU, Sadamori (1977) **Nihongo no Rizumu** (O Ritmo do Japonês). Tokyo: Kodansha
- BLOCH, Bernard (1950) "Studies in Colloquial Japanese IV. Phonemics". Martin Joos (ed.) **Readings in Linguistics I – The Development of Descriptive Linguistics in America 1925-1956**. Chicago: The University of Chicago Press
- HARAGUCHI, Shosuke (1988) "Pitch Accent in Japanese". In: Harry van der Wurst and Norval Smith (eds.) **Autosegmental Studies on Pitch Accent**. Dordrecht: Foris
- HASHIMOTO, Shinkiti (1971 [1948]) **Kokugohoo Kenkyuu** (Estudos sobre a Língua Japonesa). Tokyo: Iwanami
- HATTORI, Shiro (1976 [1960]) **Gengogaku no Hoofoo** (Métodos em Linguística). Tokyo: Iwanami
- HAYES, Bruce (1995) **Metrical Stress Theory – Principles and Case Studies**. Chicago: The University of Chicago Press
- KINDAICHI, Haruhiko (1967) **Nihongo On-in no Kenkyu** (Estudos sobre a Fonologia do Japonês). Tokyo: Tokyodoo
- KUBOZONO, Haruo (1994) "Nihongo no Onsetsu-ryoo ni tsuite" (Sobre o peso silábico do japonês). **Kokugogaku**, 178:7-17
- MCCAWLEY, James D. (1968) **The phonological component of a grammar of Japanese**. The Hague: Mouton.
- NESPOR, Marina and VOGEL, Irene (1986) **Prosodic Phonology**. Dordrecht/Riverton: Foris
- POSER, William J. (1985 [1983]) **The phonetics and phonology of tone and intonation in Japanese**. Tese de Doutorado. MIT.
- \_\_\_\_\_. (1990) "Evidence for foot structure in Japanese". **Language** 66:78-105
- TABATA, Toshiyuki (1986) "Nihongo no Onsetsu Kozo to Mora" (A estrutura da sílaba do japonês e a mora). In: **Ooyou gengogaku Kooza 2**, Gaikokugo to Nihongo. Tokyo: Meiji Shoin.
- VANCE, T. J. (1987) **An Introduction to Japanese Phonology**. New York: State University of New York Press.
- YOSHIDA, Shohei (1990) "A government-based analysis of the 'mora' in Japanese". **Phonology** 7:331-335.